

Ecoformação, Educação Ambiental e Educação para a Paz: uma contribuição teórico reflexiva

Eco-formation, Environmental Education and Education for Peace: a reflective theoretical contribution

Virgínia Ostroski Salles

Universidade Tecnológica Federal do Paraná – UTFPR (campus Ponta Grossa)
vi2803@hotmail.com

Eloiza Aparecida Silva Avila de Matos

Universidade Tecnológica Federal do Paraná – UTFPR (campus Ponta Grossa)
elomatos@utfpr.edu.br

Resumo

O artigo tem como objetivo qualificar a reflexão sobre a aproximação conceitual entre a Ecoformação, a Educação Ambiental e a Educação para a Paz. Desta forma, o estudo conduzido como pesquisa bibliográfica, argumenta conceitualmente e correlaciona a Ecoformação, a Educação Ambiental e a Educação para a Paz. Para tanto, a pesquisa busca apoio bibliográfico e documental na Carta de Belgrado e Declaração de Tbilisi, ambas da década de 1970. No mesmo viés, a discussão abarca o pensamento complexo de Edgar Morin e suas relações na educação e referenciais teóricos específicos que fortalecem e unem os pensamentos de Ecoformação, Educação Ambiental e Educação para a paz.

Palavras chave: Ecoformação, Educação para Paz, Educação ambiental.

Abstract

The article aims to describe the reflection on the conceptual approach between the eco-formation, Environmental Education and Education for Peace. In this way, the study conducted as literature, argues conceptually and correlates the Eco-formation, Environmental Education and Education for Peace. Therefore, the research seeks to bibliographic and documentary support in Belgrade Charter and Declaration of Tbilisi, both from the 1970s. Similarly, the discussion covers the complex thought of Edgar Morin and their relations in education and specific theoretical frameworks that strengthen and unite the thoughts of eco-formation, Environmental Education and Education for Peace.

Key words: Eco-formation, Education for Peace, Environmental education.

Introdução

Não obstante à solidez do campo de conhecimento da Educação Ambiental nas últimas décadas, acredita-se que explicitar a discussão da Ecoformação e da Educação para a Paz como elementos relacionados, contribuirá aos estudos teóricos e reflexivos da área.

Assim, a reflexão será entendida em um enfoque ‘uno’ e não como ‘tríade’, pois seus objetivos buscam o mesmo fim, o de envolver os seres humanos e a natureza em uma relação de convivências pacíficas e norteadoras, para que sejamos mais conscientes de nossos fracassos e nos fortalecer no entendimento de construção dessas melhores convivências.

Com as contribuições de SILVA (2008), quando aponta a relevância da escola e instituições, pensar uma ecoformação de maneira que o sujeito seja agente de mudanças, notamos as primeiras aproximações.

Enquanto a institucionalização da escola reduziu a educação à ação das gerações adultas sobre as gerações presentes e futuras, excluindo toda discussão sobre a autoformação, a co-formação e a ecoformação, o debate sobre a educação ambiental e sobre os problemas contemporâneos tem o mérito de provocar um retorno a essas formulações – de recolocar o humano dentro do natural e o natural dentro do humano, assim como o indivíduo dentro da humanidade e a humanidade dentro do indivíduo. (SILVA, 2008, p. 102)

Desta forma, o entendimento de ecoformação, nos apresenta um grande desafio, o desafio do novo, das novas propostas que faça diferença e que possam “recolocar a humanidade dentro do natural e o natural dentro da humanidade”. Assim, entrelaçando as relações de paz, ambiente e formação, nos estudos ora em tríade, ora notando sua integração, sua confluência.

A ecoformação nos leva a refletir como cidadão enquanto pertencente ao mundo e ao meio ambiente, pois, não somos isolados desse entorno. É um processo educativo de formação para a vida cotidiana que busca as relações do homem com o meio ambiente social e natural: é uma questão de atitude. A ecoformação entende não somente o processo educativo de formação para a vida cotidiana, mas também como um processo que busca as relações do homem com seu meio social e natural. (FACHINI, SILVA, PASQUALI, 2014, p. 3)

Os aspectos citados referem-se especialmente à pertinência da discussão ao cenário da educação do século XXI, onde se questionam não só a sustentabilidade da natureza em si, mas do próprio ser humano em suas relações e convivências, ou seja, a discussão mais uma vez se torna pertinente, quando traz o entendimento das “relações do homem com seu meio social e natural”.

Conforme Delors (1998) nos quatro pilares da educação para o século XXI: “aprender a fazer, aprender a conhecer, aprender a conviver e aprender a ser”, como buscas cada vez mais necessárias. Acreditamos que a Ecoformação, pode ser mais bem estudada e esclarecida à luz da relação entre Educação Ambiental e Educação para a Paz, onde o ponto fundamental de articulação das dimensões de aprender a conviver e aprender a ser.

Para isso é importante pensar, também, no enfoque de Morin (2011) no que tange aos sete saberes necessário para a educação do futuro. Salientamos que esse pensamento é profundamente identificado com as questões da Educação Ambiental, Educação para a Paz e Ecoformação que apresentamos, ou seja, numa perspectiva do pensamento complexo. Para Morin, “não é o de enumerar os mandamentos (...) é sensibilizar para as enormes carências de nosso pensamento, e compreender que um pensamento mutilador conduz necessariamente a ações mutilantes.” (MORIN, 2007, p. 15). Assim, percebemos que a ação é uma escolha, integra estratégias, sem algo pré-determinado. A partir de tomadas de decisão são desencadeados variados cenários e ações, que ao curso se modificarão em face às informações e os imprevistos que as perturbarão.

Uma perspectiva complexa da educação

O pensamento complexo dá sentido à correlação da Ecoformação, Educação Ambiente e Educação para a Paz. Morin (2011), ao estabelecer “os sete saberes necessários à educação para o futuro”, refere-se, já no primeiro momento, às “cegueiras do conhecimento”, discutindo até que ponto o desenvolvimento tecnológico do último século tem contribuído com o bem estar da humanidade, e para a promoção de uma Cultura de Paz, no sentido de uma Educação para a Paz, no qual podemos tratar como um ramo pedagógico, para abordar de forma estruturada a promoção da Paz. Como exemplo desta distorção do objetivo do desenvolvimento tecnológico, podemos dizer que a tecnologia, se por um lado, traz avanços positivos, como novos tratamentos de saúde, por outro lado também gera novos problemas, como a utilização de recursos naturais em demasia, ou o aumento de poluentes e lixo tóxico, entre outros. Além disso, uma discussão sobre o desenvolvimento tecnológico ainda precisa fortalecer mais sua relação com as questões sociais, dando sentido crítico à relação “ciência-tecnologia-sociedade”, pois para o desenvolvimento humano sustentável, que possa orientar a uma Cultura de Paz, precisamos de equidade na utilização e distribuição de bens tecnológicos. O que vemos hoje é uma segregação entre as pessoas que podem usufruir do avanço tecnológico, em todos os seus desdobramentos, e às que ficam a margem destes. Isto é estar “cego” mesmo em meio a tanto conhecimento.

O segundo saber, trata dos “princípios do conhecimento pertinente”, onde as relações entre conhecimento e vida ficam cada vez mais conectadas. O conhecimento pertinente é aquele do cotidiano, das formas de viver, relacionar e conviver, ressignificando a percepção sobre os “ambientes”. Este é um ponto onde a dimensão das “convivências escolares” para a ter especial importância na educação, na medida em que pode, e deve, ser tomado como um indicador pedagógico concreto a ser considerado na escola. O terceiro dos sete saberes é “o ensino da condição humana”, entendido como a valorização da cultura de forma ampla (família, comunidade, sociedade). Ensinar a condição humana para Morin (2011) requer entender o ser humano mergulhado em seu cotidiano, tanto na objetividade como na subjetividade, em sua razão e emoção, ou resumidamente, uma Ecoformação humana. Ecoformação humana no sentido amplo das experiências que se adquirem consigo mesmo e com o mundo e que, servirão para colocar lado a lado, o conhecimento científico e tecnológico que alcançamos, da sensibilidade necessária a utilizá-lo para a sustentabilidade humana e planetária.

Na sequência do seu propósito, Morin (2011) fala sobre “ensinar a identidade terrena” como um outro saber da educação na complexidade. Significa o reconhecimento do ser humano na sua dimensão mais terrena, ou seja, perceber suas relações com sua cultura, com a natureza e com todos os seres vivos. Em resumo, inevitavelmente sintonizado com a busca por uma Cultura de Paz e Ecoformação, na medida em que se procura observar a totalidade das relações do ser humano com o mundo, envolvendo tensões e conflitos, aproximações e distanciamentos, seja por ideologia, cultura etc. Para Morin (2011), serão as diferenças os pontos de encontro, uma identidade terrena. Relacionado ao conjunto dessa totalidade, que desperta uma gama de possibilidades, percepções e discursos; o quinto saber é o chamado de “enfrentar as incertezas”, que está relacionado a acolher as dúvidas, medos e projeções futuras como características importantes no século XXI, tal qual se apresentam as questões humanas e ambientais profundas, e de onde, mesmo procurando projeções adequadas, não possuímos todas as respostas. Cabe ressaltar que o pensamento complexo, para seu desenvolvimento precisa de um melhoramento de perguntas, de questões chave, da busca do interdito, da

relação entre diferentes áreas do conhecimento, para ampliar reflexões particulares e ampliadas, como fazemos neste estudo, buscando as aproximações relações entre Ecoformação, Educação Ambiental e Educação para a Paz.

No cenário com tantas diferenças, o saber definido por Morin (2011) como “ensinar a compreensão” é estratégico, pois aponta para a urgência e cuidado com o outro e com o planeta, particularmente na preservação da vida em todas as suas formas. Compreender que dependemos uns dos outros, tanto em conhecimento como em sentimento, nos aproxima da solidariedade como princípio de conduta. A solidariedade como valor estará relacionada à Ecoformação, como veremos adiante. O último dos saberes elencados por Morin (2011) é a “ética do gênero humano” e significa que a ética é condição fundamental para existência humana. Não uma “ética profissional” descrita em documentos, mas, uma ética das relações de solidariedade necessárias ao desenvolvimento humano. Ética e solidariedade, portanto, explícitas nos dois últimos saberes, apontam para esta educação no século XXI que realmente integre saberes e perspectivas à sensibilização e sustentabilidade humanas.

Ao apresentarmos os saberes da educação na perspectiva de Morin (2011), evidenciamos como as questões da Educação para a Paz, Educação Ambiental e Ecoformação são presentes e convergentes. Em verdade, são questões transversais aos desafios do século XXI e, que, merecem ser pensadas de maneira integrada para evidenciar questões humanas, sociais, econômicas, ambientais e planetárias.

Ecoformação: ampliando a reflexão

O termo ecoformação, como já vimos, remete basicamente ao pensamento que busca uma formação de maneira integral e contínua. Assim, quando buscamos bases para fundamentar o significado de ecoformação, encontramos estudiosos que trazem conceitos, na busca de exemplificá-la como parte necessária da formação humana. Na perspectiva de La Torre, Moraes e Pujol (2008, p.33), a ecoformação “coincide com a educação global e com uma atitude perante a Terra imprescindível, atitude que não é nova, mas sim tradicional, e que nunca se deve esquecer”, ou seja, uma educação como uma construção constante, que se comprometa com si mesmo, com o outro, com a natureza e todos seus habitantes.

Mesmo que não seja uma atitude nova, acreditamos que sua permanência e avanço se dão pela visibilidade da discussão conceitual. Tomar a ecoformação como uma palavra isolada, que aponta uma noção ampla, relacionada a uma formação ecológica, pode ser estéril em significados concretos. Por isso investimos em ampliar a reflexão, aproximando Educação Ambiental e a Educação para a Paz.

Ecoformar é buscar promover, construir a educação para o desenvolvimento sustentável associada a uma educação da solidariedade, do compromisso com o planeta e todos seus habitantes. Desenvolvendo uma educação ambiental, também atenta aos direitos humanos e à paz. Uma educação que promova interações entre o ambiente, progresso social e o desenvolvimento econômico. Isto implica pensar a preservação da vida e prover adequadas condições para todos, a criação de um ambiente saudável, acolhedor e preservado. Supõe-se um trabalho educativo pautado nas inter-relações, objetivando, ao mesmo tempo, o alcance de três objetivos: o desenvolvimento econômico, o progresso social e a proteção ambiental para todos os seres vivos e o desenvolvimento da humanidade. (SUANNO, 2014, p. 175)

Concordamos com Suanno, quando estende a perspectiva da ecoformação aos valores da solidariedade e à busca dos direitos humanos e à paz. Nota-se que ecoformação não se trata de um conceito vazio ou apenas decorativo. Antes de tudo, propõe uma densidade nas relações

entre questões econômicas, sociais e a ambientais.

A ecoformação é um conjunto complexo de relações interdependentes que pretende reforçar a relação da Educação Ambiental com a perspectiva da Educação para Paz. Esta relação é importante de ser explicitada e fica mais clara a partir do apontamento de Rayo:

[...] a paz social se fundamenta numa paz ecológica. A educação ambiental, que não deve constituir uma disciplina ou matéria, mas sim “ambientalizar” as relações e os conteúdos pretende “ecopacificar a sociedade”, promovendo uma mudança renovadora nos comportamentos da família, da comunidade e da escola. (RAYO, 2004, p. 145)

Como diz Rayo (2004) existe a possibilidade de “ecopacificar” a sociedade, com novas formas de observar valores e comportamentos que, nesse caso, não seriam apenas relacionados à natureza, mas ao ambiente em sentido ampliado, no qual vive suas relações interpessoais, renovadas por outras atitudes perante a vida em todas as suas dimensões.

Silva (2008), ao estudar o Grupo de Pesquisa em Ecoformação (GREF/UFPR) que possui uma trajetória de aprofundamento de questões sobre uma Pedagogia Ambiental, coordenado por Gaston Pineau, um estudioso francês das questões da ecoformação, aponta que:

A ecoformação pode ser definida como a formação recebida e construída na origem das relações diretas com o ambiente material: os não humanos, os elementos, a matéria, as coisas, a paisagem. Assim, opera-se um mútuo revigoramento dos conceitos de Educação Ambiental e Educação Permanente. Esse mútuo revigoramento, por sua vez, implica e é implicado pela restauração da noção de natureza enquanto elemento eco-formador. (SILVA, 2008, p. 97)

Podemos notar que nas questões iniciais, princípios sobre a Ecoformação, a Educação Ambiental e a Educação para a Paz são muito próximos. De antemão podemos até questionar a intenção de discuti-los conceitualmente, mas como diz o próprio Morin (2011) sobre a incerteza do conhecimento, que devemos entender partes e todo na mesma medida. Entender a Educação Ambiental, a Educação para a Paz e a Ecoformação como campos em desenvolvimento conceitual (embora em diferentes níveis), mas ao mesmo tempo encontrar suas semelhanças, suas perspectivas como totalidade. Este é um pressuposto do pensamento complexo, pensar na tríade, porém reforçando seu papel uno.

Educação Ambiental: Movimentos em torno de estudos sobre a temática

A Carta de Belgrado (1975), que trataremos como um marco histórico da preocupação com a educação ambiental, evidenciou os movimentos em torno de estudos sobre meio ambiente, discutindo objetivos de uma educação pautada no envolvimento de todos os povos, em função do benefício do planeja. A carta foi proposta como marco final do evento foi realizado pela Organização das Nações Unidas (ONU) na antiga Iugoslávia (1975), que visava o progresso da educação ambiental de forma consciente, em todo seu percurso o documento destaca as oito (8) Diretrizes Básicas, dos Programas de Educação Ambiental a ser observadas mundialmente a partir de então:

1. A Educação Ambiental deve considerar o ambiente em sua totalidade – natural e criado pelo homem, ecológico, econômico, tecnológico, social, legislativo, cultural e estético.
2. A Educação Ambiental deve ser um processo contínuo, permanente, tanto dentro como fora da escola.
3. A Educação Ambiental deve adotar um método interdisciplinar.
4. A Educação Ambiental deve enfatizar a participação ativa na prevenção e solução dos

problemas ambientais. 5. A Educação Ambiental deve examinar as principais questões ambientais em uma perspectiva mundial, considerando, ao mesmo tempo, as diferenças regionais. 6. A Educação Ambiental deve se basear nas condições ambientais atuais e futuras. 7. A Educação Ambiental deve examinar todo o desenvolvimento e crescimento a partir do ponto de vista ambiental. 8. A Educação Ambiental deve promover o valor e a necessidade da cooperação a nível local, nacional e internacional, na solução dos problemas ambientais. (CARTA DE BELGRADO, 1975)

Nestes quarenta anos da Carta de Belgrado, vemos que a Educação Ambiental ganhou corpo, criou o solidificou um campo de pesquisa e práticas de intervenção social, mas que, ao mesmo tempo, requerem mais perspectivas ao longo do século XXI. Em nosso estudo, optamos por aprofundar nas questões da Ecoformação e Educação para a Paz como elementos necessários ao alargamento de horizontes, buscando essa convergência que notamos facilmente.

Além da Carta de Belgrado, outro documento que pode ser colocado em evidencia, é a Conferência Intergovernamental sobre Educação Ambiental aos Países Membros, ocorrido em 1977, na Geórgia, antiga União Soviética, e reafirmada em segunda conferência em 1987, em Moscou. O evento vem fortalecer a educação ambiental, com o papel de esclarecer não somente o meio ambiente ecológico, mas também a sociedade em geral, a economia, a cultura, os processos científicos e tecnológicos.

Como vemos, nestas quatro décadas de movimentos globais pela Educação Ambiental, muito foi feito, mas ainda existem vários outros aspectos a aprofundar e redimensionar neste campo, a partir dos próprios desdobramentos e mudanças no mundo. Por um lado, a tecnologia anos-luz superior dos últimos anos contrasta com a busca igualmente brutal sobre o poderio econômico que explora os recursos naturais do planeta. Da mesma forma uma grande abertura aos direitos humanos sofre ataques de movimentos fundamentalistas. Ou seja, se por um lado vemos muito progresso, de outro ainda nos preocupamos em demasia com os ataques aos mesmos. Por isso a Educação para a Paz é, cada vez mais, tema a ser debatido junto às diferentes áreas de conhecimento, provocando suas possibilidades como mudança planetária, como mudança dos ser humano.

Assim caminhamos para as questões da Educação para a Paz e Educação Ambiental, percebendo a constante preocupação que a ONU e a UNESCO têm, de partindo dos saberes, articular as diferentes culturas e países em movimentos de amplitude mundial, entendendo as resistências locais e suas possibilidades de avanço. Tais perspectivas, tanto teóricas como nas práticas sociais precisam ser pensadas, rumo à superação, com a articulação dos saberes já descritos e entre áreas até então fechadas. Como aponta Morin (2013) “Com isso não quero dizer que é preciso negar as disciplinas. Ao contrário, significa se nutrir de todas as disciplinas, para se produzir conhecimento. Mas é preciso contextualizar os saberes, religar os saberes” (2013, p. 33-34).

Estreitando as Relações de Educação para a Paz, Educação Ambiental e Ecoformação

Aos relacionarmos uma Educação para a Paz com a Educação Ambiental, não podemos deixar de conceituar as relações de que paz estamos falando. Desta forma, a paz que nos referimos, é pensada como um posicionamento crítico frente às realidades adversas que nos deparamos. Não trata-se de uma “paz de longe”, impalpável; mas uma paz proativa, que vise a necessidade do entendimento de uma Educação para Paz, que Jares (2002, p.131) nos aponta como “ausência de todo tipo de violência e pela presença de justiça, igualdade, respeito e liberdade”, onde prevaleça os mais claros conceitos de melhoria de convivências, não

somente a convivência consigo mesmo e com o outro, mas com o ambiente e meio ambiente que estamos inseridos.

É claro que mudanças e transformações são sempre necessárias para que os indivíduos possam se reorganizar para afrontar novas maneiras de enfrentamento da realidade, como também a sociedade e, aí a escola aparece como um organismo que está em constante processo de reorganização estrutural e processual, buscando e visando a melhor formação que pode oferecer ao cidadão do século XXI, século em que se solicita do indivíduo, consciência e responsabilidade nas suas ações para consigo mesmo, com o outro e com o mundo. (SUANNO, 2014, p.172)

Mudanças são necessárias para que haja transformações nos indivíduos e na sociedade. Com esta afirmação, podemos nos concentrar no pensamento complexo de educação, quando focamos as discussões acerca da formação do cidadão do século XXI, em termos de ética e corresponsabilidade na construção do desenvolvimento ambiental e de uma Educação para a de paz. Desta forma estamos buscando bases que nos façam acreditar que a ecoformação deve adentrar os muros das escolas e assim fazer parte de maneira efetiva na vida de todos, partindo das crianças, em relação com docentes, escolas, famílias e comunidades.

As vias para se responder à ameaça ecológica não são apenas técnicas; elas necessitam, prioritariamente, de uma reforma do nosso modo de pensar para englobar a relação entre humanidade e a natureza em sua complexidade e conceber as reformas de civilização, as reformas de sociedade, as reformas de vida. (MORIN, 2013, p.103)

Para dar continuidade a esta reflexão, o pensamento complexo e as perspectivas da educação ambiental na atualidade, estão presentes no livro “A via” de Edgar Morin (2013). Com um pensamento que reforça o entendimento na busca de estabelecer as conexões necessárias entre a Educação Ambiental e Educação para a de Paz. Uma Educação para a paz, certamente aponta no sentido de nos sensibilizar a aprender a conceber outras e novas formas de abordar fenômenos. Vemos em Morin (2013), que ao falar da ecologia como ciência diz: “Ao revelar nossa relação de vida e de morte com a biosfera, ela nos obriga a repensar nosso planeta, a ligar nosso destino a ele e, finalmente, a repensar sobre nós mesmos” (2013, p.101). Como vemos é uma relação complexa, que pode ser entendida com mais profundidade ao aproximar e aprofundar os laços de áreas que, seguramente, são complementares.

Apontamos aqui, o “Manifesto 2000, por uma “Cultura de paz e não-violência” (UNESCO, 2000), escrito por um grupo de premiados pelo Nobel da Paz e, assinado por milhões de pessoas em todo o mundo, que apresenta seis aspectos fundamentais para uma Cultura de Paz, sendo: “respeitar a vida, rejeitar a violência, ser generoso, ouvir para compreender, preservar o planeta e redescobrir a solidariedade”. Durante este processo de visibilidade sobre a Cultura de Paz, a Assembleia Geral das Nações Unidas declarou o período de 2001 a 2010 a “Década Internacional da Cultura de Paz e Não-Violência para as Crianças do Mundo”. Como vemos, uma abordagem complexa se faz necessária para integrar a perspectiva relacional entre Ecoformação, Educação Ambiental e Educação para a Paz, em suas diferenças e complementaridade, observando o avanço do conhecimento articulado. Como diz Morin (2012) “A educação para a paz não significa ensinar que a paz é uma coisa muito boa, mas significa ensinar a compreensão humana. Isso é uma coisa fundamental no caminho para a paz” (2012, p. 38). Ainda podemos ampliar dizendo que ensinar a compreensão humana é igualmente fundamental para a Educação Ambiental e para a Ecoformação.

Considerações

Ao avançar em profundidade no processo de Ecoformação, inevitavelmente outras dimensões

são associadas. A Educação Ambiental como berço e alimento de onde todas as perspectivas ligadas à preservação da vida e do planeta são originadas, desde há muitas décadas, como uma busca em nível mundial e com perspectivas que foram sendo construídas na pesquisa e na prática social ao longo do final do século XX e início do século XXI. A Educação para a Paz, como outro campo de estudo que passa a ser integrado e determinante para articular a Ecoformação à Educação Ambiental a partir de suas premissas, ligadas tanto a uma Cultura de Paz e a Não-violência, que inserem decisivamente o ser humano no contexto dos ambientes, como examina o potencial de suas ações para a prevenção e a sustentabilidade de condições desejadas, nesse caso, as convivências consigo mesmo, com o outro e com a planeta. Portanto vemos que a partir do pensamento complexo não há que se criar necessariamente novos conceitos, mas sim, criar novas perspectivas de articulação de saberes. Pensando nessa metamorfose positiva do meio ambiente cada vez mais relacionado com a vida, não só ao organismo vivo, mas às relações entre seres vivos, na valorização da vida, que caminhamos na explicitação e construção desta tríade Ecoformação, Educação Ambiental e Educação para a Paz.

Referências

- DELORS, J. **Educação: um tesouro a descobrir**. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: MEC/UNESCO, 1998.
- FACHINI, F., SILVA, V. L. S., PASQUALI, S. **A Ecoformação na Formação Continuada de professores**. In: IV Simpósio Nacional de Ensino de Ciência e Tecnologia. Ponta Grossa, PR, 2014.
- JARES, X. R. **Educação para a paz: sua teoria e sua prática**. Porto Alegre: Artmed, 2002.
- LA TORRE, S.; MORAES, M. C.; PUJOL, M. A. **Transdisciplinaridade e Ecoformação: um novo olhar sobre a educação**. Tradução: Suzana Vidigal. São Paulo: Triom, 2008.
- MORIN, E. **A Via para o futuro da humanidade**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2013.
- _____. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. São Paulo: Cortez; Brasília: UNESCO, 2011.
- _____. Os sete saberes necessários à educação do presente. In: ALMEIDA, M.C.; RAYO, J.T. **Educação em Direitos Humanos: rumo a uma perspectiva global**. Tradução: Jussara Haubert Rodrigues. Porto Alegre: Artmed, 2004.
- SILVA, A. T. R. Ecoformação: reflexões para uma pedagogia ambiental, a partir de Rousseau, Morin e Pineau. **Desenvolvimento e Meio Ambiente**. Curitiba, n. 18, p. 95-104, jul/dez, 2008.
- SUANNO, J. H. Ecoformação, Transdisciplinaridade e Criatividade: a escola e a formação do cidadão do século XXI. In: MORAES, M. C.; SUANO, J. H. **O pensar complexo na educação: sustentabilidade, transdisciplinaridade e criatividade**. Rio de Janeiro: Wak, 2014.
- UNESCO. Carta de Belgrado. Belgrado, Iugoslávia. 1975. Disponível em: <http://www.meioambiente.pr.gov.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=71>. Acesso em: 15 de março de 2015.
- UNECO. Declaração de Tbilisi. Tbilisi, URSS. 1977. Disponível em: <http://www.meioambiente.pr.gov.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=72>. Acesso em 5 de março de 2015.
- UNESCO. Manifesto 2000: Por uma Cultura de Paz e Não-violência. Paris, França. 2000. Disponível em: http://www.comitepaz.org.br/o_manifesto.htm. Acesso em: 30 de março de 2015.